



REPRESENTAÇÕES SEMIÓTICAS DE PERSONAGENS HOMOSSEXUAIS: CONTRASTES ENTRE A REPRESENTAÇÃO DO FILME “LITTLE MISS SUNSHINE” E DA CRÔNICA “DELICADO” DE NELSON RODRIGUES ¹

Samilo Takara ²Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira ³

RESUMO

O presente artigo insere a discussão das representações semióticas dos personagens homossexuais de duas obras de diferentes momentos e que se contrastam e mostram alterações nos signos apresentados sobre a identidade deste grupo social. Esta colaboração pretende colaborar para os estudos de Gênero e Sexualidade discutindo sobre a temática das representações do filme “Little Miss Sunshine” e “Delicado”, crônica de Nelson Rodrigues. Sob a perspectiva da semiótica peirceana o artigo abre para a discussão as representações culturais feitas do homossexual nas últimas décadas do século XX e no início do século XXI.

Introdução

O artigo se propõe analisar Representações ligadas a homossexualidade na literatura e o cinema. Utilizando a semiótica, teoria desenvolvida por Charles Peirce, para analisar as imagens propostas. O corpus selecionado serão o filme *Little Miss Sunshine* e a crônica *Delicado* de autoria de Nelson Rodrigues. Os personagens homossexuais retratam formas contraditórias de como a sociedade encara esse cidadão.

A intenção da pesquisa é apresentar os níveis de consciência, existência e representação destes personagens mostrando ao leitor a formação discursiva e sígnica que formam esses indivíduos e como, através desses veículos, são apresentados os homossexuais. Assim, analisando esses discursos será possível apresentar aos estudiosos de gênero e representação formas de apreender esses signos e perceber como esses três níveis, previstos na teoria de Peirce, colaboram na forma de como se concebem as personagens.

¹ Parte deste artigo foi apresentado no XIX Encontro Anual de Iniciação Científica, no Grupo de Trabalhos (GT) Relações dialógicas entre literatura e outras formas de representação. O referido artigo foi produzido como Iniciação Científica Voluntária pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO).

² Graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO).

³ Pós-Doutora em Ciências da Linguagem e orientadora do Projeto de Iniciação Científica Voluntária

REPRESENTAÇÕES SEMIÓTICAS DE PERSONAGENS HOMOSSEXUAIS: CONTRASTES ENTRE A REPRESENTAÇÃO DO FILME “LITTLE MISS SUNSHINE” E DA CRÔNICA “DELICADO” DE NELSON RODRIGUES

Metodologia

Esta pesquisa foi desenvolvida por meio de análise bibliográfica e análise semiótica dos objetos selecionados para a apresentação de duas representações do homossexual masculino e como elas retratam o homossexual na sociedade. Baseia-se nos conceitos de homo-cultura, que analisa a representação do homossexual dentro da cultura desenvolvida na sociedade e como estes indivíduos produzem cultura.

Olhar teórico: a semiótica como leitura de signos

Para Santaella (2008, p. 3), a Semiótica “é um território do saber ainda não sedimentado, são investigações e indagações em progresso”. Essa ciência estuda toda e qualquer linguagem, pois também nos comunicamos através de imagens, sons, luzes, etc. Essa afirmação possibilita, aos estudiosos da linguagem e da comunicação o entendimento de qualquer processo comunicativo, que seguirá o esquema básico de Harold Lasswell, onde todo emissor (aquele que transmite a mensagem) tem a intenção de comunicar algo ao receptor (que recebe a mensagem), através de um código (conjunto de signos), por um canal (meio de comunicação) e todo este processo resultará em um *feedback* (resposta do receptor).

Para Santaella, o entendimento desse processo é necessário para que o espectador possa perceber que ao falarmos de código como conjunto de signos temos que entender o signo como:

...uma coisa que representa outra coisa: o objeto. Ele só pode funcionar como símbolo se ele carregar esse poder de representar [...] Ele apenas está no lugar do objeto [...] e ele só pode representar esse objeto de um modo e numa certa capacidade. (SANTAELLA, p.12)

Para classificar o signo, Peirce estabeleceu uma relação triádica, que é dividida a partir da relação do signo consigo mesmo, do signo com seu objeto dinâmico e do signo com seu interpretante. Essa dinâmica compreende a forma de analisar e interpretar a linguagem a partir dos estudos semióticos.

Então, se algo é apresentado como pura qualidade, aspecto ou aparência, o signo pode ser *consciência*. Se o signo aparece como qualidade, na relação com seu objeto, ele é *existência*. E a partir do momento, que esta qualidade, faz do signo uma lei, em relação ao objeto e ao interpretante, pois este símbolo se torna uma convenção, ele é representação. Desse modo, a semiótica peirceana é dividida em três compreensões signicas, que Santaella (2008) classifica, a partir dos estudos de Charles Peirce, a Primeiridade, ou *Consciência*, como tudo que está imediatamente presente, tudo aquilo que está na sua mente no instante presente. Quando se tem o

REPRESENTAÇÕES SEMIÓTICAS DE PERSONAGENS HOMOSSEXUAIS: CONTRASTES ENTRE A REPRESENTAÇÃO DO FILME “LITTLE MISS SUNSHINE” E DA CRÔNICA “DELICADO” DE NELSON RODRIGUES

sentimento como qualidade, aquilo que dá sabor, tom, matiz à nossa consciência imediata, mas é também aquilo que se oculta ao nosso pensamento, porque para pensar precisamos nos deslocar no tempo, nos colocando fora do sentimento mesmo tentando capturá-lo.

Tudo que se apresenta aos nossos olhos como original, é um aspecto da consciência, pois ao pensarmos no signo, temos as qualidades, os pensamentos e os sentimentos, mas aquilo que está presente e se faz único e imediato é tido como um signo de primeiridade. É a relação do objeto consigo e sua forma básica de apresentação. Essa qualidade é definida pelo próprio signo e está presente nele como parte de sua leitura.

Ao tratar a Secundidade, ou *Existência*, percebe-se o mundo real, reativo, sensual e independente do pensamento. É perceptível, segundo Santaella, que:

O simples fato de estarmos vivos, existindo, significa, a todo o momento, consciência reagindo em relação ao mundo. Existir e sentir a ação de fatos externos resistindo à nossa vontade. [...] os fatos denominados brutos: fatos brutos e abruptos. Existir é estar numa relação, tomar um lugar na infinita miríade das determinações do universo, resistir e reagir, ocupar um tempo e espaço particulares. (SANTAELLA, 2008, p. 10)

E como todas as experiências são constituídas por três elementos, a primeiridade é o que dá a experiência sua qualidade distintiva, a secundidade, dá a experiência seu caráter factual, de luta e confronto. Já a Terceiridade, ou *Representação*, aproxima-se do primeiro e do segundo numa síntese intelectual. Inteligibilidade, ou pensamento em signos, através da qual representamos e interpretamos o mundo.

Para Peirce, um signo não tem necessariamente uma representação mental, mas pode ser uma ação ou experiência, ou mesmo uma mera qualidade de impressão. Santaella (2008, p. 16) afirma, que “em síntese: compreender, interpretar é traduzir um pensamento em outro pensamento num movimento ininterrupto, só podemos pensar um pensamento em outro pensamento”.

Com essas definições, e a utilização da semiótica peirceana, podemos analisar e interpretar, toda e qualquer linguagem, pois o código, como inventário de signos, pode ser lido a partir dos níveis e consciência, existência e representação, não importando se esta linguagem é verbal ou não, mas sua leitura poderá ser feita com a bagagem cultural do interpretante e das ferramentas que a semiótica apresenta.

Personagens do cinema e suas representações simbólicas:

Entre as linguagens que a Semiótica pode traduzir, a fílmica possui um nível simbólico e trabalha com imagens e signos do imaginário coletivo. Denise Araujo

REPRESENTAÇÕES SEMIÓTICAS DE PERSONAGENS HOMOSSEXUAIS: CONTRASTES ENTRE A REPRESENTAÇÃO DO FILME “LITTLE MISS SUNSHINE” E DA CRÔNICA “DELICADO” DE NELSON RODRIGUES

afirma que, “...só entendemos o que representamos. O olhar crítico sobre um fenômeno depende necessariamente da *construção* deste olhar, que passa pela tradução de um fenômeno em signos conhecidos” (p.134)

A obra cinematográfica é repleta de signos que se apresentam em diferentes níveis e que aparecem no cotidiano, com diferentes significados.

A relação entre a realidade e a linguagem é uma construção de mão-dupla, onde os fenômenos despertam estranhamentos perceptivo e intelectual que estimulam novas articulações entre linguagens existentes e a exploração de novas possibilidades de linguagem para dar conta do fenômeno, para que ele se torne perceptiva e intelectualmente manipulável. (ARAUJO, 2006, p.135)

Metz (1972) argumenta que “o cinema é antes de tudo um fato, e enquanto tal, ele coloca problemas para a psicologia da percepção e do conhecimento, para a estética teórica, para a sociologia dos públicos, para a semiologia em geral”. Assim, percebe-se que a obra cinematográfica trabalha intimamente com representações, signos e o público. E, dessa forma, este meio de comunicação utiliza suas cenas inebriantes, envolventes e dramáticas para manobrar e desenvolver o público.

Com a utilização de personagens opostos e complementares, aliados à luz, as cenas com efeitos especiais encontraram na obra suas ações e reações, cheias de luz e sombra, inventivas e realistas. Tudor, na abordagem fílmica, apresenta como atrativa ao público, a polaridade que “tornou-se, então, aquela entre, por um lado, realismo, naturalismo e interferência mínima do realizador, e por outro, fantasia, expressionismo e influência formativa do realizador”.

Ao abordarmos o assunto cinema, percebemos sua ligação com a representação da realidade e da utilização dos símbolos para transpor a realidade para a grande tela. Com cenário, luz, personagens, roteiros e cenas, o filme se torna uma das maiores apresentações da realidade, desenvolvida pela tecnologia e o senso artístico.

Segundo Tudor, “...nos inícios práticos do cinema encontramos as raízes do que se iria seguir. O cinema desenvolveu-se a partir da fotografia e, para os pensadores do século XIX, a realização mais característica da fotografia residia na sua capacidade para reproduzir a realidade” (1989, p.ver). Essa expressão artística é uma prova da apresentação da realidade, sobre a ótica de um autor, em específico, feito através de equipamentos tecnológicos, como a fotografia também mostra o cotidiano ou o onírico idealista do homem, mas com um intimismo e uma identificação que dá ao espectador a oportunidade de viver todas as sensações que são esperadas como respostas das cenas.

REPRESENTAÇÕES SEMIÓTICAS DE PERSONAGENS HOMOSSEXUAIS: CONTRASTES ENTRE A REPRESENTAÇÃO DO FILME “LITTLE MISS SUNSHINE” E DA CRÔNICA “DELICADO” DE NELSON RODRIGUES

Homem: definição do gênero masculino

O homem representado na sociedade é um indivíduo forte, racional e que detém os signos do poder. Nesse contexto, a idéia da falocracia (falo – pênis e cracia – forma ou direito de poder), valoriza o homem como soberano e garante o poder político, moral, social ou artístico. Essa idéia coloca o masculino como base da sociedade e regulador em potencial da vida cotidiana.

Com base nessas constatações, percebe-se que o homem, símbolo do racional, da energia ativa, da potência em forma de ação, garante a este signo o papel da dominação. Percebe-se que durante grande parte da história, o homem e o falo dominaram a sociedade e garantiram o poder da força (racional e física) sobrepondo a mulher e mantendo o feminino no papel de dominada, aquela cuja existência era complementar (no caso da mulher servil) e oposta (no papel da prostituta e da maledicente).

O homem se coloca como senhor da sociedade, mestre da razão e exímio nos atos, na agressividade, que é peculiar do gênero. A mulher é tida como intimista, quase que irracional, mas é o homem que representa a agressão por impulso, a selvageria e os atos de dominação pela força. Mas, com o desenvolvimento da sociedade e a valorização do gênero feminino, o papel masculino foi reavaliado e junto com ele as relações intra-gênero.

Assim, o masculino cede espaço ao “sexo frágil” e reconfigura sua representação, sua definição e sua imagem. O homem foi socializado, e a partir disso, começou a entender as relações de troca, os acordos e a política, que transformou as ações impulsivas, no pensar e desenvolveu as características do homem, que já não é mais apenas o potencial ativo e o pênis que invade o corpo feminino e a cena social.

Com esse consenso complementar, em que o homem e a mulher se reconfiguram, há algo mais que a idéia simples do ato sexual. A liberdade conquistada pelo gênero feminino (e que ainda hoje, ainda tenta criar a relação de igualdade de gênero) abriu espaço para dentro dos gêneros à formação da identidade homossexual.

Em tese, a homossexualidade seria a apresentação de características do gênero oposto, no sentido sexual e comportamental do indivíduo. Decorrente disso, há as denominações “gay e lésbica”. O homem não é apenas o macho, senhor do poder, e a mulher não é mais a sensível e intimista, que unicamente entende o que sentimental. É entre essas definições e formações de gênero, que surgem os homossexuais. No caso do homossexual masculino, ou o gay, é o corpo masculino, que em uma junção que vem de idéias, vivências e da própria predisposição biológica, se permite entrar no universo feminino.

Mas os homossexuais, que são vistos como fora das normas do patriarcado são amorais para a sociedade, que ainda hoje, definem o homem pelas relações sexuais e afetivas com uma mulher. A falocracia ainda existente como o poder do

REPRESENTAÇÕES SEMIÓTICAS DE PERSONAGENS HOMOSSEXUAIS: CONTRASTES ENTRE A REPRESENTAÇÃO DO FILME “LITTLE MISS SUNSHINE” E DA CRÔNICA “DELICADO” DE NELSON RODRIGUES

homem, do macho, mostra que para a sociedade, que ainda está em fase de “adequação” as estruturas femininas, não tem o homossexual como um cidadão, partícipe desta formação social, pois eles abdicaram do símbolo do pênis como o poder e do sêmen como símbolo da vida, o que para o heterossexual masculino ainda é estranho e absurdo, e aceitaram o feminino existente na sua concepção de indivíduo.

Denilson Lopes defende o estudo sobre homossexualidade e o feminismo, como uma quebra dos padrões, e afirma que

...tanto os estudos feministas quanto os estudos gays e lésbicos tem um primeiro movimento de criticar representações sociais estereotipadas, os silêncios e as opressões. Esta abordagem sócio-histórica é fundamental para quebrar núcleos da misoginia e da homofobia ao demonstrar que as diversas sociedades e os vários tempos históricos lidaram de forma bastante diversificada para além das dualidades masculino/feminino e heterossexualidade/homossexualidade. (LOPES, 2006, p. 2)

Conto e Filme: análises e reflexões

Pequena Miss Sunshine”

Este drama de 101 minutos, lançado, em 2006, nos EUA foi dirigido por Jonathan Dayton e Valerie Faris e o roteiro de Michael Arndt. Ao analisarmos esta obra, podemos começar pela frase que apresenta o filme para o possível espectador, na capa do DVD. “De perto, nenhuma família é normal”. É nesse ambiente familiar, nada normal, que a família do filme representa uma família comum é que está inserido o personagem que analisaremos. Frank (Steve Carell) é um acadêmico com tendências suicidas especializado em Proust, que tenta se suicidar após de uma série de situações trágicas em sua vida.

O filme começa apresentando os personagens em cenas que podem ser de seu cotidiano ou não. Na primeira cena que Frank aparece, ele está apático, olhando pela janela, enquanto surge o título da obra. Sua irmã vai buscá-lo no hospital, após ele ter tentado suicidar-se cortando os pulsos. Eles não conversam no caminho para casa da irmã, onde ele ficará hospedado.

Ao chegar na casa da família, ele tem contato com os outros personagens da trama no jantar. Olive, sua sobrinha, lhe pergunta porque ele está com os pulsos enfaixados. Depois de uma cena de dúvida entre os pais da menina, se ele deve contar ou não, Frank conta a menina porque tentou se matar. Ele começa dizendo que tentou se matar porque era infeliz. Ela pergunta por quê? Ele responde que por muitas razões. Entre elas, destaca que se apaixonou por alguém que não o amava. Um de seus alunos. Olive faz cara de espanto. “Era um menino?” Como até hoje, as

REPRESENTAÇÕES SEMIÓTICAS DE PERSONAGENS HOMOSSEXUAIS: CONTRASTES ENTRE A REPRESENTAÇÃO DO FILME “LITTLE MISS SUNSHINE” E DA CRÔNICA “DELICADO” DE NELSON RODRIGUES

crianças não percebem, seja por preconceito ou molde da sociedade das normas que dois indivíduos do mesmo sexo podem ter uma relação afetiva/sexual.

Ela diz que ele é babaca de ter se apaixonado e sofrido por um garoto. E ela deduz que foi por isso que ele tentou se matar. Frank afirma que não foi esse o motivo. Ele conta a Olive que o garoto que ele gostava se apaixonou por outro homem. Larry Sugarman. O segundo aluno mais lembrado dos EUA. Seu cunhado, Richard pergunta quem seria o primeiro. Então, Frank responde que ele é o primeiro. Então, a personagem conta que ficou magoado, fez coisas que não deveria fazer, disse coisas que não deveria ter dito. Foi demitido e teve que morar num motel. Até então, ele disse que estava bem, “mas dois dias antes a Fundação McArthur, em sua infinita sabedoria, entregou o troféu gênio a Larry Sugarman. Ai que eu...”. Então o avô da menina, termina a frase, decidiu morrer antes do tempo. E Frank complementa. “E falhei nisso também.”

O personagem veste uma camisa social clara e uma calça clara também. Está com a barba por fazer e apresenta ao espectador uma sensação de apatia e parece que não tem mais interesse em viver. Então, Olive fica sabendo no meio do jantar que foi classificada para um concurso de beleza infantil, o “Miss Sunshine” e que irá concorrer. A família, depois de algumas discussões acaloradas, decide levá-la. Nesse momento, nem Frank, nem Dwaine, irmão mais velho de Olive, que fez um voto de silêncio por odiar sua família, querem ir.

Esses personagens têm uma percepção diferenciada da vida. Eles são descrentes na sociedade e nas pessoas, mostrando muito do pessimismo com relação à sociedade e às pessoas. Há uma identificação entre as personagens e eles se apoiam nessa relação de cumplicidade. Os outros personagens masculinos menosprezam Frank por ele ser homossexual. Percebemos um preconceito nessas personagens, como se elas não acreditassem que gostar de uma pessoa do mesmo sexo fosse possível.

Entre outras cenas do filme, há uma em que Frank reencontra o aluno que outrora ele foi apaixonado. E vê, fora da loja de conveniência onde foi comprar uma bebida e algumas revistas pornográficas, para o avô de Olive e Dwaine e para ele, o seu rival Larry Sugarman. Ele tenta se esconder, mas os dois vão embora rindo dele. Em várias cenas, este personagem homossexual é representado como um homem frustrado, que estava passando por um período ruim.

O interessante dessa representação, que fez com que ele fosse um dos recortes desta pesquisa, foi à compreensão de como este personagem representa o homossexual. Um intelectual, que sofreu por amor e fez coisas ridículas, mas que tentou suicídio por se sentir um fracassado. Há no filme angulações que mostram um homem derrotado, que se sente mal por não atingir seus objetivos e se cobra para ser o melhor.

A sociedade falocrática exige do homossexual essa postura de buscar ser o melhor. Assim acontece com muitas minorias, que por não se encaixarem perfeitamente à norma, buscam ser exímios em suas empreitadas para valorizá-los

REPRESENTAÇÕES SEMIÓTICAS DE PERSONAGENS HOMOSSEXUAIS: CONTRASTES ENTRE A REPRESENTAÇÃO DO FILME “LITTLE MISS SUNSHINE” E DA CRÔNICA “DELICADO” DE NELSON RODRIGUES

como indivíduos capazes de serem melhores que a sociedade espera que sejam. Essa cobrança social é bem delineada nesta personagem, que é a representação desse medo de não ser aceito, que transforma o indivíduo em uma pessoa que busca ser melhor que os que o cercam para poder sentir-se parte da sociedade.

Há signos que podem esclarecer essa representação, baseado na Semiótica peirceana, percebemos as faixas nos pulsos, que poderiam representar grilhões que seguram o indivíduo, que o podam. O olhar triste e a barba por fazer, como representação de um fracasso. De não ter direito de estar arrumado e conviver em sociedade como todos os indivíduos e, além disso, a roupa clara e social, que dá um tom de elegância, e, ao mesmo tempo, remete o espectador ao padrão do masculino, do intelectual, que deve ser o perfil do homem.

Uma significação interessante é que sua camisa não está abotoada na gola e no colarinho, como se ele tentasse se encaixar ao padrão imposto, entretanto, fosse impossível se aproximar dos demais de tal forma a ser visto como um indivíduo dentro da norma. Entre as cenas que este personagem vive, percebemos que ele tem sempre uma ação cuidadosa e pretende sempre esclarecer pontos e conceitos, como se fosse exigido dele uma consciência maior para permitir que ele participe da família.

Análise do conto *Delicado* de Nelson Rodrigues

O conto escolhido para a análise faz parte do livro *A vida como ela é: O homem fiel e outros contos*. Ele se passa numa casa da Tijuca, onde moravam seu Macário e dona Flávia, que tiveram sete filhas. O homem, desde que namoravam tinha o sonho de ter um casal. Mas, veio à primeira, e outra, e outra... Na quinta filha, as pessoas sensatas já aconselhavam Macário a desistir, mas entre os defeitos do personagem composto por Nelson, estava a teimosia.

Ao nascer o personagem Eusebiozinho, o autor trata da relação cíclica de vida e morte, e tira do enredo a presença paterna. Ao contar a morte de seu Macário, o narrador refere-se a um comportamento típico da infância de primeiro cumprir sua obrigação e estar bem alimentado para depois poder usufruir do prazer da sobremesa.

Assim nasceu Eusebiozinho, no parto mais indolor que se possa imaginar [...] O fato é que seu Macário atingira, em cheio, seu ideal de pai. Nascido o filho e passada a dor da chapa dupla, o homem gemeu: “Tenho um filho homem. Agora posso morrer!”“. E, de fato, quarenta e oito horas depois, estava almoçando quando desaba com a cabeça no prato. Um derrame fulminante antes da sobremesa. (RODRIGUES, 1998, p. 40)

A análise da composição deste conto é iniciada em lendas e representações

REPRESENTAÇÕES SEMIÓTICAS DE PERSONAGENS HOMOSSEXUAIS: CONTRASTES ENTRE A REPRESENTAÇÃO DO FILME “LITTLE MISS SUNSHINE” E DA CRÔNICA “DELICADO” DE NELSON RODRIGUES

simbólicas que podem ser explanadas a partir da semiótica peirceana. O personagem deste conto que o artigo pretende contrapor ao personagem do filme *Little Miss Sunshine*, é o oitavo filho, depois de sete mulheres. No período em que o autor escreve haviam muitas lendas que fixadas na cabeça dos homens eram temidas e repudiadas. Há uma carga simbólica que se liga a lenda, um exemplo deste simbolismo é que o oitavo filho depois de sete mulheres nascia lobisomem.

Essa besta mito em várias culturas, era um homem normal, com excesso de pêlos, mas que em noites de lua cheia, transformava-se em meio homem, meio lobo e atacava as pessoas nas ruas e encruzilhadas. Para matá-lo, apenas uma bala de prata faria efeito.

No próximo subtítulo do conto, o autor traz à referência a delicadeza do personagem e apresenta o termo “*flor de rapaz*”. Ao apresentar esse termo, podemos utilizar das ferramentas da semiótica peirceana para falar da representação do personagem homossexual como uma pessoa delicada. Nelson apresenta a criação da personagem nesse trecho:

Eusebiozinho criou-se agarrado às saias da mãe, das irmãs, das tias, das vizinhas. Desde criança, só gostava de companhias femininas. Qualquer homem infundia-lhe terror. De resto, a mãe e as irmãs o segregavam dos outros meninos. Recomendavam-lhe: “Brinca só com meninas, ouviu? Menino diz nomes feios!”. O fato é que, num lar que era uma bastilha de mulheres, ele atingiu os dezesseis anos sem ter jamais proferido um nome feio, ou tentado um cigarro. Não se podia desejar maior doçura de modos, idéias, sentimentos. Era adorado em casa, inclusive pelas criadas. As irmãs não se casavam, porque deveres matrimoniais viriam afastá-las do rapaz.(RODRIGUES, 1998, p. 40)

Nesse trecho, o autor mostra que a personagem nunca teve interesse na companhia masculina e que sempre se sentiu bem entre as mulheres. Querido por todas as mulheres, que não se permitiam se separar dele. A relação de cuidadoras, da maternidade é forte nesse trecho da obra e ainda apresenta o masculino não patriarcal como um indivíduo bem quisto e que tem que ser cuidado, representando um filho que se relaciona na sociedade sem demonstrar um poder de opressão contra a mulher.

A representação do patriarca é apresentada por um tio do Eusebiozinho, que veio do interior:

Um tio do rapaz vem visitar a família e pergunta:

- Você tem namorada?
- Não.
- Nem teve?
- Nem tive.

Foi o bastante. O velho quase pôs a casa abaixo. Assombrou aquelas mulheres transiafas com os vaticínios mais funestos:

REPRESENTAÇÕES SEMIÓTICAS DE PERSONAGENS HOMOSSEXUAIS: CONTRASTES ENTRE A REPRESENTAÇÃO DO FILME “LITTLE MISS SUNSHINE” E DA CRÔNICA “DELICADO” DE NELSON RODRIGUES

“Vocês estão querendo ver à caveira do rapaz?”. Virou-se para d. Flávia:

- Isso é um crime, ouviu? , é um crime o que vocês estão fazendo com esse rapaz! Vem cá, Eusébio, vem cá!

Implacável, submeteu o sobrinho a uma exibição. Apontava:

- Isso é jeito de homem, é? Esse rapaz tem que casar rápido!
(RODRIGUES, 1998, p. 41)

Esse personagem exige que a personagem homossexual seja inserida na relação oprimido-opressor e afirma que Eusebiozinho precisa ter uma namorada. As mulheres, oprimidas socialmente e correm para executar o desejo do masculino. O patriarcado não admite traidores, homens que não usufruem o poder de estupro social que possuem. Nesse momento da crônica, o autor mostra a união das mulheres para encontrar uma noiva para Eusebiozinho:

Houve, então, uma conspiração quase internacional de mulheres. Mãe, irmãs, vizinhas desandaram a procurar uma namorada para o Eusebiozinho. Entre várias pequenas possíveis, acabaram descobrindo uma. E o patético é que o principal interessado não foi ouvido, nem cheirado. Um belo dia é apresentado a Iracema. Uma menina de dezessete anos, mas que tinha umas cadeiras de mulher casada. Cheia de corpo, um olhar rutilante, lábios grossos, ela produziu, inicialmente, uma sensação de terror no rapaz. Tinha uns modos desenvoltos que o esmagavam. (RODRIGUES, 1998, p. 41)

A escolhida representa a mulher-objeto. Aquela que seria admirada por qualquer sogro ou marido. Ela mostra ao leitor a representação da esposa, e no apresentar o adjetivo “umas cadeiras de mulher casada”, a sensualidade e a beleza da personagem mostram uma mulher diferente daquelas que o personagem homossexual convivia. Durante a crônica percebe-se que o personagem tem modos femininos, se nos referirmos a sociedade patriarcal, e que a relação com o feminino é de admiração. Entretanto, a pretendente de Eusebiozinho traz a representação de uma mulher que atraia o homem, uma composição do desejo masculino.

O tio volta à cena para avaliar como está se comportando esse possível traidor, que está em processo de adequação. Eusebiozinho é tratado neste trecho como ingênuo:

Viu o pessoal feminino controlando o namoro. Explodiu: “Vocês acham que alguém pode namorar a uma assistência de Fla-Flu? Vamos deixar os dois sozinhos, ora bolas!”“. Ocorreu, então, o seguinte: sozinha com o namorado, Iracema atirou-lhe um beijo no pescoço. O desgraçado crispou-se eletrizado:

- Não faz assim que eu sinto cócegas! (RODRIGUES, 1998, p. 42).

REPRESENTAÇÕES SEMIÓTICAS DE PERSONAGENS HOMOSSEXUAIS: CONTRASTES ENTRE A REPRESENTAÇÃO DO FILME “LITTLE MISS SUNSHINE” E DA CRÔNICA “DELICADO” DE NELSON RODRIGUES

Até então, o personagem seguia os comandos do tio e das mulheres que estavam cumprindo o que a sociedade, fundada no patriarcado, esperava do rapaz. A consciência dele era o ato de obedecer e não decepcionar as mulheres que ele admirava tanto. Sua existência e sua representação não aparecem claramente no texto. A partir do aparecimento do vestido, a personagem vai modificando seus comportamentos e se sentindo encantado com o que representava o vestido:

Começaram os preparativos para o casamento. Um dia, Iracema apareceu frenética, desfraldando uma revista. Descobrira uma coisa espetacular e quase esfregou aquilo na cara do Eusebiozinho: “Não é bacana esse modelo?” A reação do rapaz foi surpreendente. Se Iracema gostara do figurino, ele muito mais. Tomou-se de fanatismo pela gravura:

- Que beleza, meu Deus! Que maravilha! (RODRIGUES, 1998, p. 42).

A partir deste trecho da crônica percebemos a unicidade da personagem homossexual, apresentada por Nelson Rodrigues, não como um homem apaixonado por outro e sim, um homem que vive no mundo feminino. Eusebiozinho pode ser visto nessa obra, por recortes semióticos, como uma travesti ou uma transexual. Esse conceito delimita homens e mulheres que não se sentem bem com o seu corpo e gostariam de ser do outro gênero. Mas o narrador não apresenta mais informações para que haja uma análise mais profunda da personagem. Apenas nos conta do medo do masculino e da admiração ao mundo feminino, que era representado pelas mulheres e pelo belo vestido:

Houve, aliás, unanimidade feroz. Todos aprovaram o modelo que fascinava Iracema. Então, a mãe e as irmãs do rapaz resolveram dar aquele vestido à pequena. E mais, resolveram elas mesmas confeccionar. Compraram metros e metros de fazenda. Com um encanto, um *élan* tremendo, começaram a fazer o vestido. Cada qual se dedicava a sua tarefa como se cosesse para si mesma. Ninguém ali, no entanto, parecia tão interessado como Eusebiozinho. Sentava-se, ao lado da mãe e das irmãs, num deslumbramento: ‘Mas como é bonito! Como é lindo!’. E seu enlevo era tanto que uma vizinha, muito sem cerimônia, brincou:

- Parece até que é Eusebiozinho que vai vestir esse negócio!
(RODRIGUES, 1998, p. 42)

Alguns pontos comuns das lendas e tradições das famílias durante a época de preparo da cerimônia de casamentos parecem ser esquecidas, ou simplesmente ignoradas pelo narrador. Rodrigues deixa que Eusebiozinho veja o vestido de noiva ser confeccionado e conta aos leitores do conto, como o moço admirava a roupa cerimonial e tudo que representava o mundo da noiva.

REPRESENTAÇÕES SEMIÓTICAS DE PERSONAGENS HOMOSSEXUAIS: CONTRASTES ENTRE A REPRESENTAÇÃO DO FILME “LITTLE MISS SUNSHINE” E DA CRÔNICA “DELICADO” DE NELSON RODRIGUES

Uns quatro dias antes do casamento, o vestido estava pronto. Meditativo, Eusebiozinho suspirava: ‘A coisa mais bonita do mundo é uma noiva!’. Muito bem. Passa-se mais um dia. E, súbito, há naquela casa o alarme: “Desapareceu o vestido da noiva!”. Foi um tumulto de mulheres. Puseram a casa de pernas para o ar, e nada. Era óbvia a conclusão: alguém roubou! (RODRIGUES, 1998, p. 43)

Com o desaparecimento do vestido, dentre as superstições que não rememora neste texto, as mulheres que representam o papel de guardiãs do lar e dos bons costumes, se mobilizam para encontrar o vestido de noiva. Essa busca também pode representar a busca pela representação da mulher, daquela que deveria ser a noiva, aquela que deveria ser levada ao altar pelo pai e que seu vestido seria dado pela mãe, junto com um objeto vermelho, um azul, um novo, um velho e um emprestado.

A mulher ao casar é representada como um presente dado pela sua família ao homem que a desposar, sua representação por cada um desses signos é com o objetivo de valorizar a noiva como uma boa escolha. Segundo o dicionário de Símbolos (2000), um objeto vermelho representa o amor que a noiva carrega pelo noivo, o objeto azul é para que ela seja fértil e traga alegria a família do noivo e a sua família, o objeto novo é para que ela tenha em sua vida coisas novas, o objeto velho é para que ela nunca se esqueça de onde veio e o objeto emprestado é para que ela se lembre da importância das pessoas que a ajudam e que ela deverá ajudar a seu marido e a seus filhos.

Entre outros signos que a noiva carrega, há o vestido branco, mostra a pureza da mulher, aquela que é virgem, pura de pecados carnis e que será desposada apenas perante o Deus cristão, após um sacerdote ter sacramentado a relação do casal. O desaparecimento do vestido, não é um ponto estranho no conto de Nelson Rodrigues. A estranheza está desde o começo desta história, em que o autor diz que as mulheres decidiram dar-lhe o vestido, afinal, até a década de 80, era costume que a família da noiva fizesse ou desse o vestido e prepara-se a noiva, pois o noivo só poderia vê-lo no casamento. Se visse antes, o azar acompanharia aquele casal.

Mas, para compor o enredo o autor ignorou algumas das representações simbólicas comuns da época, e consegue trabalhar com o bizarro em suas páginas, pois em uma época tão firme e tensa na sociedade brasileira, sua literatura mostrava um ser humano diferente dos que andavam pelas ruas do país. Pois seus finais traziam situações inusitadas.

O mistério era na verdade, alucinante: quem poderia ter interesse num vestido de noiva? Todas as investigações resultaram inúteis. E só descobriram o ladrão quando dois dias depois, pela manhã, d. Flávia acorda e dá com aquele vulto branco, suspenso no corredor.

REPRESENTAÇÕES SEMIÓTICAS DE PERSONAGENS HOMOSSEXUAIS: CONTRASTES ENTRE A REPRESENTAÇÃO DO FILME “LITTLE MISS SUNSHINE” E DA CRÔNICA “DELICADO” DE NELSON RODRIGUES

Vestido de noiva, com véu e grinalda – enforcara-se Eusebiozinho, deixando o seguinte e doloroso bilhete: ‘Quero ser enterrado assim’. (RODRIGUES, 1998, p. 43)

Considerações Finais

Ao apresentar neste artigo as duas representações de homossexuais percebe-se que as maneiras de representar são diferenciadas. Diferenças que podemos perceber pelos períodos em que as obras foram criadas, pelos suportes em que estão estas obras e pelo desenvolvimento dos autores em cada narração. Frank e Eusebiozinho tem em comum o momento do suicídio, a negação da vida, por ser diferente, ou por não conseguir enfrentar barreiras impostas pelo patriarcado e pela sociedade.

Frank quer desistir da vida, por não conseguir seus objetivos, por se sentir ruim, por ter falhado como pessoa e como profissional. Ele diz, em um trecho do filme, quando perguntado por que ele tentou se matar: “E, até nisso, eu falhei”. Ele não conseguiu morrer, mas durante toda a obra, tem um aspecto etéreo. Suas roupas claras e seu olhar descrente o coloca fora da realidade. Em poucos momentos durante o filme, percebe-se vida neste personagem.

Já Eusebiozinho se suicida, no vestido de noiva, que foi feito pelas mulheres de sua família. Casar-se era o mesmo que morrer. Ele não queria ter que viver uma vida falsa. Queria estar entre as irmãs e as mulheres, continuar a boa vida que tinha. Era um menino, era ainda encantado pelo mundo das saias. O vestido de noiva, branco, também remete a mortalha. As duas ações (casar e morrer) exigem trajés elegantes, modos da nossa cultura.

A relação entre os dois está no medo que se tem do mundo. Nas amarras que são impostas ao gênero. Ao homem que deve ser másculo, que deve exercer sua função de proteger, de ser o provedor, o forte. E as representações destes personagens mostram já o início de uma construção homocultural (termo que designa como o homossexual é representado na cultura), em que os primeiros personagens que vivem as torrenciais brigas escolhem a morte. Morrer é transformar, segundo o Dicionário de Símbolos (2000), quando se morre, se transcende, passa a outro mundo. É um momento de transformação, de restauração, de desenvolvimento de um novo modo de viver e de encarar a realidade. Morrer acontece com todos, também podemos compreender a morte como um ato que iguala e integra os indivíduos a sociedade.

BIBLIOGRAFIA

- ARAUJO, Denize Correa (org.) **Imagem (IR)Realidade: Comunicação e Cibermídia**. Porto Alegre. Ed. Sulina, 2006.
- CHEVALIER, J. **Dicionários de Símbolos** (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores e números). Rio de Janeiro. Editora José Olympio, 2000.

REPRESENTAÇÕES SEMIÓTICAS DE PERSONAGENS HOMOSSEXUAIS: CONTRASTES ENTRE A REPRESENTAÇÃO DO FILME “LITTLE MISS SUNSHINE” E DA CRÔNICA “DELICADO” DE NELSON RODRIGUES

LOPES, D. **Cinema e Gênero**. In: Fernando Mascarello. (Org.). História do Cinema Mundial. 1 ed. Campinas: Papirus, 2006, v. , p. 379-394.

METZ, C. **A significação do cinema**. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1972.

MOREIRA, Lúcia Correia Marques de Miranda. **A Construção do Sentido na Narrativa Audiovisual**: um caso de ficção na mídia. <http://www.bocc.pt/> acesso: 26/03/2009, às 14 horas.

RODRIGUES, Nelson. **A vida como ela é**: O homem fiel e outros contos. São Paulo. Companhia das Letras, 1992.

SANTAELLA, L. **O que é Semiótica?**, Ed. Brasiliense).2008

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Mídias**, 2ª ed. Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2006

TUDOR, A. **Teorias do Cinema**. Coleção Arte&Comunicação. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1989.

Recebido em 28 de março de 2011; aprovado em 12 de agosto de 2011.